

Aspectos Simbólicos do Caranguejo-Uçá:

*Culinária e identidade capixaba*¹

*Janete Aparecida de Souza Diniz*².

Resumo: Da minha experiência no *Projeto Caranguejo* e posteriormente no processo de pesquisa etnográfica realizada junto aos catadores de caranguejo na Ilha das Caieiras (Vitória – ES) percebemos a importância do caranguejo para a culinária local, seja como petisco “para longas conversas, sem fio, nem fiança”, seja em festivais do caranguejo realizado em várias cidades, ou como um dos ingredientes da famosa *torta capixaba* - prato obrigatório na Semana Santa. Era, portanto, evidente os aspectos simbólicos que envolviam o caranguejo. Fez-se necessário então classificá-lo no conjunto da cultura; os diversos significados a ele atribuídos, desde sua posição na astrologia com base na mitologia grega, na história de amor da mitologia indígena dos povos Tremembé, ou numa conotação depreciativa quando associado ao câncer, ou ainda, ao retrocesso, pois quem “anda pra trás é caranguejo”. Mas, também está associado à alegria, à farra, quase sempre envolvendo grupos de pessoas. Victor Turner, no livro *Floresta dos símbolos* (2005), discute a polissemia que os símbolos podem assumir dependendo das situações e propósitos que se queira ressaltar nos enunciados da cultura, em seus diversos níveis de contexto ritual.

Palavras-Chave: Etnografia; Culinária; Identidade Capixaba; Caranguejo-Uçá.

¹ Nesse artigo apresento um capítulo de minha Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense – Campos do Goytacazes – Rio de Janeiro, 2006. A Dissertação que tem como título: *Da Lama ao Caos, do Caos à Lama: estudo antropológico dos impactos da chegada da doença do caranguejo letárgico ao litoral capixaba*. Orientador: Arno Vogel.

² Janete Ap. Souza Diniz é graduada em Economia pela Universidade Pontifícia Católica de São Paulo (1991) e em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (2006.).

Introdução

Em seu livro *Homens e Caranguejos*, Josué de Castro (1967) constrói uma imagem, que, sendo ele familiarizado, desde a infância, com a coleta desses crustáceos, nos mangues de Capibaribe de sua terra, no Recife, pode ser, de algum modo, considerada uma interpretação nativa:

A impressão que eu tinha era que os habitantes dos mangues - homens e caranguejos nascidos à beira do rio - à medida que iam crescendo, iam cada vez se atolando mais na lama. Parecia que a vegetação densa dos mangues, com seus troncos retorcidos, com o emaranhado de seus galhos rugosos e a densa rede de suas raízes perfurantes os tinha agarrado definitivamente como um polvo, enfiando tentáculos invisíveis por dentro de sua carne, por todos os buracos de sua pele: pelos olhos, pela boca, pelos ouvidos. (Castro, 1967:13).

Para o autor da *Geografia da Fome*, em virtude da sua notória preocupação com o problema da precariedade dos meios de subsistência das camadas mais pobres da população brasileira, a tríade manguê-homem-caranguejo, ilustrava “um estranho mimetismo, os homens se assemelhando, em tudo, aos caranguejos, arrastando-se. Agachando-se como caranguejos para poder sobreviver”.

Neste sentido, o homem do manguê, aprisionado pelas suas circunstâncias; não podia constituir-se, sociologicamente, como cidadão e como indivíduo, pois, os homens caranguejo permaneceriam para sempre retidos em sua miserável vida cotidiana: “Os habitantes do manguê, depois de terem um dia saltado para dentro da vida, nesta lama pegajosa dos mangues, dificilmente conseguiam sair do ciclo do caranguejo, a não ser saltando para a morte e, assim, se afundando para sempre dentro da lama”. (ibidem: 13).

Desse ponto de vista, a relação entre o manguê, o caranguejo e os catadores constituía uma metáfora da miséria, que qualificava, não apenas os sujeitos

que usavam esses espaços como fonte para a sua reprodução social e familiar, mas do círculo de ferro da pobreza em geral.

Tanto para Clifford Geertz (1989), quanto para, e antes dele, Victor Turner (1967), a cultura é constituída por símbolos. Os símbolos, articulados uns com os outros são as teias que o próprio homem constrói, e que, são socialmente compartilhados e passíveis de interpretação, porque praticadas e vivenciadas pelos atores sociais, dão sentido à existência humana, em cada uma de suas formas particulares.

Para Victor Turner, um símbolo ritual:

[...] é uma coisa encarada pelo consenso geral como tipificando ou representando ou lembrando algo através da posse de qualidades análogas ou por meio de associações em fatos ou pensamentos. [...] descobri que não conseguiria analisar símbolos rituais sem estudá-los numa série temporal em relação com outros “eventos”, pois os símbolos estão essencialmente envolvidos com o processo social. (Turner, 2005:49).

Neste sentido, um símbolo pode agregar significados dispares e contraditórios, “interconectados em virtude de possuírem em comum qualidades análogas ou por associação em pensamento ou na prática. [...] Sua generalidade torna-os capazes de aglutinar as mais diversas idéias e fenômenos”. (Ibidem, p: 59).

Quanto às características dos símbolos, tal como estes aparecem nos processos rituais, Victor Turner (2005) distingue símbolos dominantes e símbolos instrumentais. Os primeiros constituem o produto final de um processo ritual; sua coroação, por assim dizer; o resultado e objetivo da sequência ritual em questão: “Os símbolos [...] produzem ação, e os símbolos dominantes tendem a formar focos de interação. Os grupos mobilizam-se ao seu redor, cultuam-nos, desempenham outras atividades simbólicas perto deles, e acrescentam-lhes outros objetos simbólicos [...]” (ibidem, idem: 52). Os símbolos instrumentais, por sua vez, são aqueles que constituem ingredientes

do processo de produção do símbolo focal e “[...] podem ser encarados como meios para atingir propósitos”. (Turner, 2005:63).

Segundo a metodologia proposta por Victor Turner, no livro *Floresta dos Símbolos* a busca dos significados de um símbolo ritual deve proceder em três níveis distintos: exegético, operacional e posicional.³ O primeiro corresponde às interpretações nativas do símbolo, disponíveis nos enunciados da cultura, em seus diversos níveis. O segundo consiste em considerar o que os ‘nativos’ fazem com o símbolo; como o utilizam em diversos contextos de ação. O terceiro, finalmente, exige considerar cada elemento no âmbito da constelação simbólica de que faz parte, isto é, no seu contexto simbólico mais amplo⁴.

E a partir desta perspectiva, que convém considerar o caranguejo - *Ucides Cordatus*, para compreender suas implicações significativas para o desenrolar dos dramas sociais que constituem o objeto da análise apresentada aqui.

A Exegese Nativa

Consideremos, em primeiro lugar, a exegese nativa, em seus diversos níveis, a começar pelos valores simbólicos que nossa cultura atribuiu a este animal. Neste sentido, não há como evitar uma associação imediata, resultante dos significados de que se reveste no dispositivo divinatório do zodíaco, isto é, na astrologia, referência recorrente, no senso comum cotidiano de nosso universo cultural.

Na astrologia, o caranguejo é apresentado como corajoso e valente e, por sua bravura, Hera (deusa grega), o transformou em constelação. O signo de câncer é representado pelo caranguejo, para os nascidos entre 22 de junho e 21 de

³ Cf. Turner, 2005 [1967].

⁴ Cf. Turner, 2005 [49-81].

julho, e ocupa a quarta casa do zodíaco, cujo regente é a lua e o elemento é a água. A inclusão do caranguejo no zodíaco está relacionada à mitologia grega.

O mito relacionado à constelação e ao signo fala do caranguejo-gigante que guardava a toca onde a Hidra de Lerna morava. E um dos 12 trabalhos de Hércules (Hércules para os romanos) consistia em matar a Hidra de Lerna.

Hércules trava uma luta pela vida com a mulher de seu pai Hera. Heracles era filho de Zeus com a mortal Alcmena, mulher de um general tebano. Hera, a legítima esposa de Zeus, nunca perdoou a traição e lançou sua ira sobre Heracles, tentando de todas as formas destruí-lo. Para tanto, enviou duas grandes serpentes, todavia ambas foram estranguladas pelo pequeno Heracles. Noutra ocasião, induziu-lhe um acesso de loucura e fê-lo assassinar seus filhos e sua própria mulher. Como forma de purgação desse crime, Heracles foi servir ao seu primo Euristeu que, obrigado por Hera, impôs a ele a realização de 12 difíceis trabalhos. O segundo deles estava relacionado com a terrível Hidra, monstro de múltiplas cabeças, que habitava os mangues de Lerna, na Grécia. Durante a luta, na frustrada tentativa de distraí-lo. Hera enviou um caranguejo gigante para atacar Heracles. O caranguejo agarrou seu dedo, mas foi pisoteado e perdeu a vida. Em retribuição à coragem e à lealdade do pequeno animal, Hera incluiu a imagem do caranguejo no céu noturno. Além disso, também homenageou a Hidra, constelação caótica que se localiza próxima à de Câncer, formada por seis estrelas e localizada no Hemisfério Norte⁵.

Do ponto de vista simbólico e mitológico, o caranguejo faz o movimento do caos da lama ao cosmos do firmamento.

Há ainda outro mito, este relacionado à criação do caranguejo à que se referem os povos Tremembé (primeiros habitantes da região do Delta do Parnaíba/PI).

Assim diz a lenda:

⁵ www.revista-macrocosmo.com. Acesso em: 26/04/06.
www.olhosdebastet.com.br> Acesso em 03/05/2011.

Diz uma velha lenda do povo Tremembé (primeiros habitantes da região do delta do Parnaíba) que o caranguejo era um belo príncipe indígena chamado Lupã, que costumava se entregar à luxúria e aos prazeres da carne. Um dia, a Deusa do Amor o fez apaixonar-se por uma linda índia chamada Yamey que também o amava. Lupã, no entanto, prosseguiu com sua vida libidinosa, e Yamey preferiu dar cabo de sua própria vida a ter de aceitar a infidelidade de seu amado. Ela subiu no galho mais alto de uma grande Risophora (árvore abundante no mangue), à margem do rio, e de lá atirou-se na lama do manguezal, de onde nunca mais emergiu. O belo príncipe Lupã, até então carente de princípios, ao saber da morte de sua amada, arrependeu-se de todo sofrimento que lhe causara e pediu à Deusa do Amor que lhe desse os meios para procurar Yamey. A Deusa, então, atendeu seu pedido e o transformou no primeiro caranguejo do delta, passando Lupã a viver somente da lembrança de sua amada, alimentando-se das folhas da Risophora e cavando buracos na lama, numa busca incessante, com o único objetivo de reencontrar seu grande amor. (www.revista macrocosmo.com. Acesso em: 26/04/06).

Finalmente, para nunca se esquecer da imagem nua do lindo corpo de Yamey, Lupã resolveu tatuá-lo em sua própria carapaça. Essa figura se perpetuou através de todas as gerações posteriores e a vemos até hoje nos caranguejos machos⁶.

A referência ao signo de câncer e ao mito de criação do caranguejo pelas tribos indígenas Tremembé, entretanto, acrescentou-se na nosologia da cultura ocidental, uma conotação francamente negativa, na medida em que esta palavra passou a designar uma de suas mais temidas enfermidades, identificada desde os tempos da Antiguidade greco-latina - o câncer.

No livro, "*Como Morremos*", Sherwin B. Nuland (1995:221) nos informa a origem da associação entre caranguejo e doença:

Desde os dias de Hipócrates e mesmo antes, os antigos médicos gregos tinha uma compreensão clara das maneiras pelas quais uma formação maligna tantas vezes persegue sua inexorável determinação de destruir a vida. Eles

⁶ WWW.jornalpequeno.com.br. 03/05/11.

deram um nome muito específico aos inchaços duros e às ulcerações que viam tão comumente no peito ou saindo do reto ou da vagina; eles basearam o nome na evidência de seus olhos e dedos. Para distingui-los de inchaços comuns, que chamavam *oncos*, usaram o termo *Karkinos*, ou “caranguejo”, estranhamente derivado de uma raiz indo-européia que significa “duro”. Acrescentando-se o sufixo *Oma*, referente a “tumor” [...] Séculos depois, a palavra latina para caranguejo, câncer, entrou em uso. *Oncos*, nesse meio tempo, passou a ser aplicado a tumores de qualquer espécie, e é por isso que chamamos um especialista em câncer de oncologista. (Nuland, 1995, p. 221)

Metaforicamente o caranguejo está associado, no pólo negativo, à anomalia da reprodução celular, a uma doença, cujo nome se evita - o câncer, e que traz consigo dor, sofrimento e tristeza. A título de exemplo, convém recordar que, em 1993, o caranguejo foi o símbolo da propaganda oficial contra o câncer de mama. A imagem filatélica utilizada para este fim representa o “bicho” numa posição de ataque, com suas tenazes pinças ou puas, eriçadas, prontas para atacar a vida.



O caranguejo símbolo da propaganda oficial contra o câncer de mama, em 1993.

Mas, para além dessas referências, convém considerar o caranguejo do ponto de vista das qualidades sensíveis, que podem ajudar a esclarecer os seus possíveis valores semânticos. Tais qualidades são parte do conhecimento dos catadores, que tem ocasião de observá-las detida e cotidianamente. Entre as primeiras características que chamam a atenção é o modo de andar bizarro do caranguejo a mais conhecida. Dela resulta uma conotação negativa, pois “quem anda para trás é caranguejo”, observação que se aplica metaforicamente ao atraso e ao retrocesso. Outros aspectos notáveis estão relacionados com o seu modo de habitar, em tocas ou buracos, o que faz dele

um animal ctônico; sua vida entre a água e a terra; e sua sensibilidade às fases da lua, à quais está relacionado o seu ciclo de reprodução, que ocorre, ou bem durante a lua cheia, ou bem durante a lua nova. Para o observador mais superficial, o caranguejo é um animal que “vive na lama”, fato que contribui para lhe conferir uma conotação negativa, pois a lama é identificada, pelo senso comum, como poluição, sujeira e imundice, persistente apesar do reconhecimento das virtualidades positivas dela, associada à fertilidade.

Para os catadores, entretanto, o caranguejo e o mangue, são fontes de vida. Com efeito, para essas pessoas que deles dependem, o caranguejo (e, por implicação o mangue) “é tudo”, como disse Geraldão⁷, “pois, sem ele, não haveria catador”. Em outras palavras, sua identidade e condição de existência, estão diretamente vinculadas ao lugar de onde tiram seu sustento.

O caranguejo por sua origem, seu formato elíptico e sua aparência excêntrica constitui uma categoria classificatória polivalente, com qualidades distintas, ambíguas, opostas: morte, tristeza, dor, separação, por um lado, e vida, alegria, festa, reunião, por outro. Os significados atribuídos a cada uma dessas combinações são díspares e estão relacionados a uma sequência temporal diacrônica.

Nos anos 90, numa metamorfose temporal e espacial, o caranguejo é elevado a um dos ícones da culinária capixaba, embora resguardada a sua ambigüidade e polissemia que são características do simbolismo, pois, nos projetos da Prefeitura há referências às metáforas: “caranguejo” e “marlim azul”. A partir delas, dois cenários opostos são projetados para o desenvolvimento local. Cenários em que o atraso se opõe ao progresso, através de uma série de dicotomias, em que se opõem; o feio e o belo; a estagnação e a vitalidade; a inércia e o dinamismo. O caranguejo é capturado

⁷ Catador tradicional, morador da Ilha das Caieiras/Vitória/ES.

DINIZ, Janete Aparecida de Souza. “Aspectos simbólicos do caranguejo-uçá: Culinária e identidade capixaba”. In: *SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.12, v.1, Dezembro 2012. pp. 101 – 125.

por gente pobre, para lhe servir de alimento e fonte de renda; o segundo, por gente da classe alta, em suas atividades esportivas de lazer.

A caranguejada, a moqueca e a torta capixaba: O nível operacional

O caranguejo está também associado à alegria, a farra envolvendo, quase sempre, grupos de pessoas. Por ser um produto barato, atualmente, custa cerca de R\$ 4,00 a unidade, normalmente, se come acompanhado de cerveja, caipirinha ou cachaça, sendo motivo para reuniões entre amigos e em família. Uma de suas características importantes é a capacidade de reunir pessoas, pois não é uma prática comum observar pessoas sozinhas comendo caranguejo. Durante o trabalho de campo, pude observar os consumidores e conversar com os garçons: comer o caranguejo é um ritual coletivo e envolve descontração e informalidade. Uma pessoa sozinha quando faz o pedido desse crustáceo, segundo relato dos garçons é por motivos pessoais, para esquecer os problemas, o stress do dia, pois, o ato de comê-lo envolve concentração e assim a pessoa “faz a sua terapia”, relaxa e “sai daqui mais leve, mais feliz”.

A caranguejada é um prato muito apreciado pelos capixabas, “para longas conversas, sem fio, nem fiança”⁸, se tornou motivo para festivais com patrocínios das prefeituras municipais do sul ao norte do Estado. Os festivais do caranguejo sinalizam a entrada do verão, como SOS festivais de Porto da Pedra em Cariacica, Anchieta e Aracruz realizados após o período do defeso, em dezembro. Ou fecham o verão, como o festival de São Mateus que ocorre no mês de abril. Nesse contexto, os festivais do caranguejo apresentam-se como o

⁸ Cf. citado por Guilherme Santos Neves.

símbolo focal, onde o caranguejo é a principal atração e, portanto, as interações ocorrem em torno dele, por meio da comensalidade.

A culinária é uma prática culturalmente estabelecida, um dos meios, por onde se revelam as identidades locais. O meio aglutinador de elementos simbólicos, apresentados em diferentes formas: a caranguejada, a torta e a moqueca capixaba, feitos na panela de barro, de origem indígena.

Conforme Maciel (1996):

As chamadas “cozinhas típicas” podem ser pensadas como maneiras culturalmente estabelecidas, codificadas e reconhecidas de alimentar-se, em que os “pratos” são elementos constitutivos. Podemos também falar em uma “cozinha emblemática” ou de “pratos emblemáticos”, que por si só representariam o grupo. O emblema, enquanto uma figura simbólica destinada a representar um grupo, faz parte de um discurso que expressa um pertencimento e, assim, uma identidade social. (Maciel, 1996)

2.1.1. A Torta Capixaba

Guiiamum e caranguejo, Siri, pitu, camarão, A lagosta e o lagostim, O marisco e o mexilhão, São bichos que vivem n’água, Mas eles peixes não são, Embora passem por peixes na semana da paixão⁹.

⁹ Bastos Tigre In Frederico Villar. Manual do Padrão de pesca (Instituto Oceanográfico Brasileiro) Imprensa Nacional, 1942.

Como é sabido o ano é recortado de datas celebrativas, ritualizadas de muitas maneiras. Mas, em quase todas elas estão presentes os pratos típicos e as bebidas que identificam o motivo da comemoração, de acordo com as tradições regionais, seja nas festas de Natal, de Ano Novo, Páscoa e festas juninas.

No Espírito Santo, a torta capixaba, ou a torta de mariscos é obrigatória, na mesa, principalmente, dos católicos, durante a Semana Santa. Segundo Guilherme S. Neves, folclorista, tem-se notícia, pelos menos, desde 1878, sobre essa predileção espírito-santense¹⁰.

Durante os dias que antecede a Páscoa, a cidade se movimenta para que todos os ingredientes estejam disponíveis para o preparo da torta, que requer paciência, engenho e arte. Entre seus ingredientes estão o bacalhau, os mariscos e o palmito, mas é preparada também na sua forma mais barata, quando se substitui o bacalhau pela sardinha e o palmito pelo repolho.

O fazer a torta exige todo um ritual que se inicia com a compra do palmito fresco, *in natura*. Vindo do interior do Estado, o palmito é vendido em um terreno enorme, cedido pela Prefeitura de Vitória para este fim, situado em baixo da ponte Florentino Ávidos, conhecida como ponte seca, próxima ao

¹⁰ Guilherme Santos Neves foi pesquisador do folclore capixaba com vários livros e artigos publicados. (Artigo publicado em A Gazeta, Vitória-ES, 14/04/1976).

centro da cidade. Além dos caranguejos e siris desfiados, sururus, ostras e temperos diversos compõem o prato de paladar agradável e forte, feito na panela de barro, ou no improviso de outras vasilhas.



Torta Capixaba na forma de alumínio
Foto da autora



Torta Capixaba, na panela de barro foto:
Internet

A torta, além de ser uma tradição passada por gerações, um ritual, que no dizer de Giddens (1997), trás a tradição para a prática, envolve, ainda, o aspecto simbólico da troca: os parentes, os vizinhos, os amigos trocam, entre si, porções, amostras da torta. São chamados para experimentá-la, como são levadas às casas uns dos outros, afirmando uma reciprocidade e fortalecendo vínculos sociais afetivos entre grupos de pessoas ligadas por algum laço de afinidade. Constituindo uma rede de relações interpessoais de amizade, fortalecida pelo sentido religioso de união.

Para Marcel Mauss, a dádiva é expressão de uma obrigação coletiva constituída de três movimentos: dar, receber e retribuir e diz respeito a todos os membros de uma sociedade. Segundo Caillé (1998), nos ensaios sobre a dádiva, Mauss, afirma uma coexistência entre símbolo e dádiva, não diferenciando um do outro, o símbolo maussiano seria um ‘operador de tradução’ das relações e práticas sociais, pois são eles que dão significado à ação social. (Caillé, 1998:9).

Desse modo, o dom e o contradom observados no ritual da troca de um pedaço de torta traduzem princípios de relações que sobrevivem, se perpetuam e resistem na modernidade, embora não nos mesmos moldes, pois a tradição, de acordo com Giddens (1997: 82), não deriva do simples fato da persistência sobre o tempo, mas do ‘trabalho’ contínuo de interpretação, sendo o ritual um meio prático de garantir a preservação.

Por isso, a tradição é um meio de identidade. Seja pessoal ou coletiva, a identidade pressupõe significado; mas também pressupõe processo constante de recapitulação e reinterpretção. A identidade é a criação da constância através do tempo, a verdadeira união do passado com o futuro antecipado. (Giddens, 1997:100).

Ainda, para Maurice Halbwachs apud Giddens (1997:81), “a tradição está ligada à memória, mais precisamente à ‘memória coletiva’; envolve ritual; está ligado ao que vamos chamar de *noção formular de verdade*; possui ‘guardiões’; e, ao contrário do

costume, tem uma força de união que combina conteúdo moral e emocional”. Neste sentido, comer a torta na Semana Santa tornou-se uma obrigação cultuada no Estado. E visto que fazer a torta, nos moldes tradicionais requer, sobretudo, tempo e disposição, para a maioria das pessoas, este trabalho ficou para as “guardiãs da tradição”, depositárias dos saberes e do toque pessoal que diferencia os sabores. A Ilha das Caieiras¹¹, neste sentido, tornou-se o lugar da tradição, onde se encontra a torta capixaba, em diversos tamanhos e preços. Uma verdadeira fábrica de tortas. Os restaurantes trabalham intensamente para dar conta dos pedidos de comerciantes e particulares. O movimento de carros é intenso em procura da torta tradicional (que custa em média R\$ 80,00 o quilo), mas tem outras opções de preço, onde alguns produtos são retirados, como o bacalhau e o palmito, há também a opção de outras vasilhas, ao invés da panela de barro para a torta.

Conforme Guilherme Santos Neves (1976),

Outrora, a torta tradicional era servida às oito horas da noite da Sexta-feira Santa. Hoje em dia, come-se a Torta em almoço ou jantar ou ceia, na quinta-feira, sexta, sábado e domingo - caso sobre, é claro... Aliás, as horas das refeições têm variado através dos tempos. O que não variou - e queira Deus não varie jamais - é o vezo, o costume, a tradição velha dos capixabas: de saborearem, na Semana Santa, a nossa deliciosa torta de mariscos!...

¹¹ Ilha das Caieiras, bairro de Vitória/ES, está localizada em frente ao estuário Ilha do Lameirão- de uma paisagem exuberante, belíssima. Caieiras é um bairro pacato e rústico e todas as atividades econômicas giram em torno da pesca, inclui pescadores, caranguejeiros, marisqueiros e desfiadeiras-de-siri.

Nas Caieiras, assim como nos restaurantes de Vitória, o consumo da torta ao longo do ano, de certa forma pode representar, ainda, o exercício saudoso e nostálgico de relembrar os momentos de confraternização da Semana Santa.

Mas, como se prepara essa famosa torta? Abaixo, apresento a receita recolhida, por mim, com Dona Maroca de 84 anos, moradora das Caieiras.

3 dentes de alho; 1 cebola; 1 tomate, 1 maço de coentro; 1 colher rasa de azeite; 1 colher rasa de coloral; ½ copo de óleo; 5 ovos; ½ kg de palmito natural previamente cozido; 150 grs. de caranguejo desfiado; 150 grs., de siri desfiado; 150 grs., de camarão cozido; 150 grs. De ostras cozidas; 150 grs., de sururu cozido; 150 grs., de bacalhau desfiado e cozido; azeitonas, pimenta do reino; sal a gosto.

Outra receita divulgada por Guilherme S. Neves, com Dona Otilia Goulart Grijó, “cujas saborosas Tortas sempre tiveram fama em Vitória, vai para mais de oitenta anos”.

Preparam-se todos os mariscos: siris, caranguejos, camarões, ostras, sururus do mangue ou mexilhões... bem como os palmitos. Depois de limpos, desfiados, cozidos e espremidos, faz-se o tempero com alho, coentro, azeite doce, limão, cebola e querendo, algumas pimentinhas, sem esquecer o cravo socado, cominho e pimenta-do-reino. Cozinha-se bem o tempero com banha, caldo de toucinho (toucinho derretido) e bastante azeite doce. Logo que estiver cozido, numa frigideira de barro (essencial) misturam-se todos os mariscos e o tempero, tendo o cuidado de adicionar um pouco de peixe desfiado (peixe salgado), para enxugar e ligar a torta. (Alguns usam o bacalhau). Mexe-se muito bem, deixando-se secar a água que 'chora' dos mariscos. Depois de tudo bem enxuto e seco, botam-se azeitonas. Batem-se os ovos (6, 12, 18, conforme o tamanho da torta) e com eles cobre-se esta. Cozinham-se à parte uns ovos e aplicam-se cortados, juntamente com azeitonas e rodela de cebola, para enfeite da torta. Vai ao forno, retirando-se quando estiver bem coradinha. A torta deve ficar bem enxuta e seca, pois é servida fria, em fatias.

2.2. A Constelação simbólica do caranguejo: o nível posicional

Na década de 1990, com as mudanças ocorridas no espaço urbano de Vitória/ES, o manguezal passa a integrar a paisagem da cidade, como espaço a ser preservado. Por iniciativa do poder público que toma para si, também, a valorização da cultura popular, como o congo¹², a culinária, a panela de barro de Goiabeiras - bairro de Vitória/ES, representados como elementos de afirmação de uma identidade local. Sobretudo, a Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) encampa e impulsiona por meio de projetos, investimentos e propagandas a idéia de valorizar os elementos da cultura e da arte popular e gerar, assim, uma identificação mais forte dos capixabas com o Estado.

Conforme o estudo de Aldemir Luiz Garcia (2004),

[...] alguns elementos folclóricos foram transformados em símbolos identitários num passado recente, por instituições governamentais e empresas turísticas, com o objetivo de criar uma imagem que definisse o estado frente às outras unidades da federação, indicando seus pontos atrativos, riquezas naturais, produtos e serviços, como observamos na atualidade, por exemplo, o projeto da Rota do Sol e da Moqueca 3, organizado pelas prefeituras de Vitória, Serra, Vila Velha e Guarapari, com o apoio do ES Convention & Visitors Bureau e da EMBRATUR. O projeto tem como objetivo vender o turismo capixaba em nível nacional e internacional, oferecendo roteiros praianos associados à culinária local. Empreendimentos como este, abarcam uma série de características culturais que, destacadas pela mídia, acabam por formar um imaginário sobre o que corresponderia a uma identidade local.

¹² O congo é considerado por estudiosos das tradições populares do Espírito Santo, como uma dança folclórica, por ser um grupo musical de estrutura simplificada, com dançadores e um dirigente (mestre), possui coreografia própria, sem texto dramático, e outras pessoas podem ser incluídas, isto quer dizer: podem participar desta manifestação, que possui características próprias sem igual em outros estados do país.

Autor: Sergio oliveira Dias. Bacharel em Artes Plásticas (UFES). Conservador de Bens Culturais Móveis (UFRJ) e Coordenador de Preservação do Acervo do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

O estudo de Garcia, realizado em 2004, junto aos professores da rede pública de ensino médio, sobre a identidade cultural, encontrou um conjunto de símbolos, todos eles pertencentes ao artesanato capixaba; e, obviamente, associados entre si: a panela de barro de Goiabeiras; a torta e a moqueca capixaba, nesta ordem de importância; os elementos constitutivos principais da identidade espírito-santense.

De acordo com Yúdice (2004), as manifestações culturais, na atualidade, se tornaram alternativas a serem gerenciadas tendo em vista o desenvolvimento econômico e turístico. As práticas estéticas do dia-a-dia, como as lendas populares, a culinária, os costumes, a música e outras práticas simbólicas são mobilizadas como recursos à promoção do turismo e da indústria que exploram o patrimônio cultural. Ou seja, construir um “cartão de visita”, ou um “cartão postal” do Estado, implica em recorrer aos elementos do patrimônio coletivo, transformando-os em marcas de identificação, para distingui-se daqueles que de algum modo poderiam parecer semelhantes.

A estratégia da Prefeitura de Vitória foi tomar alguns desses elementos folclóricos como sinais diacríticos, sobretudo com relação aos seus vizinhos do Sudeste - Rio de Janeiro, Minas Gerais e a Bahia - todos eles donos de identidades muito fortemente delineadas e divulgadas. Tal estratégia encontrou respaldo na população, pois, diz respeito ao pertencimento à sociedade capixaba.

Podemos, então, pensar que o Estado do Espírito Santo se apropriou do caranguejo; quer como símbolo dominante, nos festivais do caranguejo, promovidos com o apoio das prefeituras, e nas caranguejadas, entre amigos e familiares; quer como símbolo instrumental, na produção de outros símbolos focais, como é o caso da torta capixaba. Esse fato, por sua vez, justificou, posteriormente, a própria criação do *Grupo Gestor do Caranguejo-uçá*¹³, com o objetivo de discutir, entre outras coisas, a manutenção desse crustáceo na mesa capixaba, em face das notícias sobre a chegada iminente da Doença do Caranguejo Letárgico (DCL), o que finalmente veio a ocorrer, em 2005.

Nesta perspectiva, o consumo do caranguejo adquiriu um “consenso geral” e ocorre em universos paralelos, quase intangíveis entre si, tais como o morador do mangue “pobre-favelado”, a classe média local, e o turista visitante. Mas, para todas as classes o caranguejo é uma “farra”, uma oportunidade de aproximação e afirmação de laços de parentesco, de amizade e de vizinhança, significa também “irreverência”, um momento de descontração e lazer. Para o turista, representa “degustar” uma das mais “exóticas” especialidades da culinária local. E, o caranguejo - que emerge da lama - perde as características associadas ao lugar de onde proveio, transformando-se numa iguaria positivamente valorada.

¹³ O Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (IBAMA/ES) criou o *Grupo Gestor do caranguejo-uçá* com a missão buscar alternativas e soluções, formular projetos e captar recursos ao desenvolvimento de pesquisa sobre a DCL, epizootia registrada há mais de dez anos nos manguezais do Nordeste.

A propósito da posição ocupada pelo caranguejo-uçá, na constelação dos símbolos que definem a identidade capixaba, convém narrar um diálogo bastante esclarecedor.

Durante um encontro ocasional com uma professora da UENF, natural do Espírito Santo e com profundas raízes neste Estado, lhe foi formulada a pergunta sobre qual era o símbolo principal da identidade capixaba. Em sua primeira resposta, ela mencionou a bandeira do Estado. Diante da solicitação que pensasse em algo menos político, mencionou em seguida, Nossa Senhora da Penha, padroeira do Estado, cujo pavilhão reproduz as cores do manto da Santa. Instada a identificar um elemento simbólico de conteúdo menos religioso, a Professora citou a panela de barro de Goiabeiras. “E dentro da panela”? - “A torta, a moqueca, o caranguejo-uçá”, respondeu ela, sem titubear. Desse modo, em poucas frases, foi possível, levantar, de uma só vez, toda uma constelação simbólica, na qual o caranguejo estava presente.

Considerações Finais

No Espírito Santo os manguezais se distribuem ao longo de quase toda a costa, ao todo, são 30 mil hectares de manguezais distribuídos desde Itaúnas, ao norte, até Itabapuana, no sul do Estado. Na Grande Vitória, vários de seus municípios¹⁴ são margeados por manguezais, abrange uma área de 8.918.350 m², onde desembocam os rios Santa Maria, Bubu, Marinho e Aribiri. O estuário foz do rio Santa Maria forma um delta com 25 ilhotas cobertas por mangue. Este estuário foi transformado em Unidade de Conservação pela lei nº 3377 de 1987 e passou a denominar-se Estação Ecológica Municipal Ilha do Lameirão (EEMIL). O Lameirão é, portanto, o mais importante da baía de Vitória.

¹⁴ Os municípios de Vitória, Vila Velha, Cariacica, Serra e Guarapari.

De acordo com o jornal a *Gazeta online*¹⁵, os municípios do Espírito Santo como: Anchieta, Aracruz, Conceição da Barra, São Mateus e Serra abastecem o mercado local com caranguejos. Ao todo, são catados cerca de 15 mil dúzias/mês e geram uma renda de aproximadamente R\$ 600,00 para cada catador, cerca de 700 famílias dependem desse crustáceo para a sua sobrevivência, sendo que a dúzia desse crustáceo gira em torno de R\$ 15,00 a R\$ 20,00 conforme o tamanho, e R\$ 4,00 a unidade nos restaurantes e quiosques.

Portanto, esses dados são reveladores da importância que o caranguejo tem para a economia do Estado, para as famílias que diretamente dele dependem e para os consumidores que o apreciam sejam em rodas com amigos, em restaurantes ou quiosques. No litoral do Espírito Santo, a caranguejada não é apenas um petisco, mas um rito de sociabilidade muito apreciado. Da mesma maneira que a panela de barro de Goiabeiras, a torta, a moqueca capixaba. Além disso, em relação ao caranguejo, pode-se dizer que se tornou um operador simbólico de uma mudança de percepção, que vem se processando em relação ao espaço do mangue.

Neste sentido, vale destacar aqui o movimento, que surgiu, nos anos 90, no Recife: o “Movimento Mangue”; ou “Manguebit”; ou ainda, “Manguetown”, do cantor e compositor pernambucano Chico Science¹⁶. Este movimento se baseou numa releitura do livro *Homens e Caranguejo* de Josué de Castro, chamou a atenção para o mangue e para a importância de conservá-lo. Além disso, no entanto, recolocou na agenda do campo cultural brasileiro a discussão sobre a miséria e a fome.

Entretanto, dado que o consumo do caranguejo compete com a sua preservação, incentivado, sobretudo, pela indústria do turismo, levou os órgãos ambientais a regulamentar o período do defeso e a impor regras estritas para a captura desse

¹⁵ Jornal de 27/04/2011.

¹⁶ Chico Science foi o principal personagem do movimento musical Manguebit, que, nos anos 90, mesclou guitarras elétricas e tambores de maracatu na composição de um novo ritmo que teve, ainda tem, grande sucesso, sobretudo na cidade de Recife-PE. As letras do compositor abordam a vida urbana e a interação homem, cidade e manguezais.

crustáceo, além de implementar campanhas educativas, ressaltando a relevância da preservação dos mangues e, com eles, dos caranguejos.

Para finalizar, os movimentos ambientais e a implementação de uma Legislação Ambiental, nas três esferas do poder público (federal, estadual e municipal), vem desconstruindo o viés negativo vigente em relação a esse espaço: de caráter problemático, para a saúde pública, para uma apreciação positiva, na medida em que se passou a enfatizar, cada vez mais, o seu valor ecológico, como ambiente responsável pela fertilidade, diversidade e riqueza da vida aquática. Este novo valor simbólico começou a se expressar nas noções de berçário, criadouro, abrigo, maternidade; ou seja, lugar de reprodução e habitat de variadas espécies, isto sem falar das suas recém-descobertas virtudes paisagísticas.

DINIZ, Janete Aparecida de Souza. “Aspectos simbólicos do caranguejo-uçá: Culinária e identidade capixaba”. In: *SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.12, v.1, Dezembro 2012. pp. 101 – 125.

Referências:

ASSIS, Wellington, et. alli. *História e Histórias da Ilha das Caieiras*. Vitória, 1994.

BANCH, Geert. *Dilemas e Símbolos: Estudos sobre a Cultura Política do Espírito Santo*. Vitória: IHGES. Cadernos de História nº 13, 1998.

CAILLÉ, Alain. “Nem Holismo nem Individualismo metodológicos: Marcell Mauss e o paradigma da dádiva”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 38, vol., 13, p. 39-51, 1998.

CASTRO, Josué. *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Brasiliense, 1967.

CICCARONE, Celeste & ANJOS, E. Erly. *"Encruzilhadas no Mangue": Diálogo e confronto entre diferentes práticas e saberes*. Relatório de Pesquisa. Encaminhado ao CNPQ. 2004.

FERREIRA, Renata Diniz. *Os manguezais a baía de Vitória (ES). Um estudo de geografia física integrada*. Tese (Doutorado em Geografia Física) - Programa de Pós-Graduação e Geografia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 1989.

GARCIA, A.L. *A identidade Capixaba em questão: uma análise psicossocial*. Pesquisa desenvolvida no Centro de Ensino Superior Anísio Teixeira (CESAT) e Centro Universitário de Vila Velha (UVV) e publicado na internet, 2004.

GEERTZ, C. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editores S.A, 1989.

DINIZ, Janete Aparecida de Souza. “Aspectos simbólicos do caranguejo-uçá: Culinária e identidade capixaba”. In: *SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.12, v.1, Dezembro 2012. pp. 101 – 125.

George, Pierre. *Dictionnaire de la Géographie*. França: Presses Universitaires de France, 1970.

GIDDENS, Antony. *Modernização Reflexiva: Política, Tradição, e Estética na Ordem Social Moderna*. São Paulo: EdUSP, 1997.

.MACIEL, Maria Eunice. “Os Sabores do patrimônio”. In: FILHO, Manuel Ferreira Lima e BEZERRA, Marcia (Org.). *Os caminhos do patrimônio no Brasil*. Ed. Alternativa. Goiânia, 2006, pp.89-104.

MAUSS, Marcel. *Introducción a la Etnografía*. Madrid: Ediciones ISTMO, 1967.

MELO, M.A. da Silva & VOGEL, Arno. *Gente das Areias. História, meio ambiente e sociedade no litoral brasileiro. Marica, RJ – 1975 a 1995*. Niterói/EdUFF, 2004.

NEVES, Luiz G.S & PACHECO, Renato. C. *Desfiadeiras de Siri da Ilha das Caieiras*. Vitória: PMV, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. 1996.

NUNES, André G. A. & ETIENNE Samain. *Os Argonautas do Mangue: uma etnografia visual dos caranguejeiros do município de Vitória, ES*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2004.

PROJETO CARANGUEJO. *Bioecologia do caranguejo Ucides Cordatus e Caracterização socioeconômica e de saúde dos catadores de caranguejo no Espírito Santo*. UFES, 2004.

SILVA, Sandro José. *Saberes e fazeres: a Pesca tradicional na Ilha das Caieiras*. Relatório de pesquisa, encaminhado a Prefeitura Municipal de Vitória/FACITEC, 2003.

DINIZ, Janete Aparecida de Souza. “Aspectos simbólicos do caranguejo-uçá: Culinária e identidade capixaba”. In: *SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.12, v.1, Dezembro 2012. pp. 101 – 125.

TURNER, Victor. *Floresta de Símbolos: Aspectos do Ritual Ndembu*. Niterói: Ed. EDUFF. 2005.

YÚDICE, Geoge. *A Conveniência da Cultura: Usos da Cultura na Era Global*. BH: Ed. UFMG, 2004.

Projetos elaborados pelas Secretarias da Prefeitura Municipal de Vitória.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **Projeto Vitória do Futuro: Plano Estratégico da Cidade. 1996-2010, 1996.**

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE DE VITÓRIA. **Projeto de Gestão Sustentável da Pesca de Caranguejos e Guaiamuns, 2002.**